

Revisão Textual Acolhedora

Luciana Ribeiro

INTRODUÇÃO

Complexidade. Neste trabalho, buscou-se centrar a discussão sobre aspecto essencial da revisão, qual seja, o *acolhimento*. A revisão textual possui inúmeras facetas interinfluenciáveis. Cada uma delas, ao ser analisada, poderia gerar artigos distintos sobre revisão.

Motivação. A escolha pelo acolhimento enquanto foco deve-se ao *papel assistencial* da revisão. Sem acolhimento, o trabalho, ainda quando muito bem feito, pode ser perdido ou minimizado, pois a comunicação pressupõe entendimento mútuo, entre revisor e autor.

Valor. Ademais, fatos (data-base: 2010) indicam ser este aspecto por enquanto pouco valorizado, ou talvez, insuficientemente compreendido por muitos revisores na CCCI.

Objetivo. Dada a complexidade da ação revisora e de suas implicações, neste texto procurou-se ponderar sobre a *natureza e papel* da revisão no contexto da escrita conscienciológica, propondo, a partir destas reflexões, alguns cuidados e medidas para o heterorrevisor no bom desempenho desta importante tarefa.

AUTOR E REVISOR: DOIS LADOS DA MOEDA

Etapa. A revisão de texto é parte indispensável do processo de escrita. Exige detalhismo, rigor e atenção. Neste momento, tais recursos estarão aplicados ao *aperfeiçoamento*, consistindo atividade *cognitiva* distinta da elaboração textual. Sabendo serem atividades mentais diversas, torna-se compreensível tanto a necessidade de momentos específicos para a revisão, quanto a importância do apoio de heterorrevisores.

Enriquecimento. É responsabilidade do *autor* proceder pessoalmente a revisões de seu texto. Todavia, para qualificar a obra, servir-se de outros revisores é imprescindível. Contar com diferentes olhares e experiências enriquece o trabalho e clareia aspectos pouco refletidos ou mesmo não pensados anteriormente pelo autor.

Brainstorming. A fim de evitar inibir a criatividade e o fluxo de ideias, pode ser conveniente ao autor agendar a própria revisão para o final do trabalho, quando as informações estão melhor organizadas. Evidentemente, há quem prefira escrever e revisar ao longo de todo o processo conjuntamente.

Sobreaprimoramento. Todo texto merece ser revisado, corrigindo, assim, os vícios de pensamento ao desenvolvê-lo. Ao revisar o próprio material, o autor ou autora se depara com sua pensividade, porém a partir de outro ângulo pois o foco passa a ser a verificação da compreensibilidade e acerto das ideias – diferentemente do ocorrido na redação em si, quando a cognição estava voltada à elaboração ideativa.

Recin. Tal exercício, se bem aproveitado, pode constituir oportunidade de recin, embora às vezes de modo diverso do ocorrido ao dispor-se a receber heterorrevisões. Refletir sobre as observações de revisores amplia a autopercepção e a autocompreensão, mesmo discordando de algumas das colocações.

Inflexibilidade. Pessoas irredutíveis, orgulhosas, vaidosas, monovisionárias não se permitem ser assistidas, pois encontram grande dificuldade em receber *feedbacks*, por vezes preferindo sequer escrever a passar pela experiência de interlocução direta com o primeiro leitor de seu texto (o revisor) além de si próprio. Perdem oportunidade de qualificar a assistência autoral pretendida. Escrita assistencial tarística, no contexto conscienciológico, é tarefa de proéxis.

Confor. Inicialmente, são feitas as revisões de conteúdo. Ao sanar os problemas relativos às ideias apresentadas, referentes ao conteúdo, ordem, coerência e nível de aprofundamento, por exemplo, convém cuidar da revisão formal. Incluem-se correções de idioma; ajustes na precisão dos vocábulos escolhidos, confrontando-os com o objetivo em utilizá-los; e acertos no estilo utilizado.

Quantidade. Vale lembrar a inexistência de número “certo” de revisões, pois podem se destinar a tarefas distintas, quais, por exemplo: conceituação, gramática, encadeamento, formatação. Além disso, a cada nova revisão de um aspecto, provavelmente serão identificados detalhes antes inapercebidos, contribuindo para depurar o texto em favor da clareza. O autor ou autora precisa prever tempo para a revisão, predispondo-se a cuidar desta etapa da produção textual quanto ela demande, sem ansiedade. A primeira e a última revisão devem ser do próprio escritor.

Criticidade. Oferecer o texto produzido à revisão pede abertismo mental, disposição para aprimorar-se, e, sobretudo, reflexão autocrítica. Deste modo, aprendendo a avaliar a pertinência e a adequação das revisões, simultaneamente se estuda a própria personalidade, intenções e temperamento. A escrita é reveladora.

Atenção. Por outro lado, revisar o texto alheio exige atenção redobrada, pois se trata de compreender o olhar de outra consciência, além de identificar a necessidade assistencial no contexto específico daquele momento. Tais medidas são providência básica para revisar de modo acolhedor.

Empatia. Certamente, os conhecimentos específicos do revisor ou revisora sobre o tema e a respeito da atividade de escrever em si serão de grande valia na empreitada. Porém o sucesso deste empreendimento depende ainda da habilidade em assumir uma perspectiva duplamente empática, identificando:

1. A intenção autoral (o que a pessoa quis dizer);
2. O olhar do leitor (o que possivelmente será compreendido).

Compromisso. Cabe ao revisor contribuir para ampliar a clareza e o alcance esclarecedor do texto. O bom desempenho nesta qualificação depende em grande medida do nível de acolhimento empregado pelo revisor e do grau de autocrítica utilizado pelo autor.

ROTEIRO DE LEITURA

Sumário. O presente texto apresenta:

- a) Inicialmente o funcionamento do processo comunicativo, evidenciando a revisão enquanto complexo ato biológico e cultural de comunicação;
- b) Passa, em seguida, ao estudo dos termos *revisão e acolhimento*, para melhor definir *revisão acolhedora*, mostrando o processo de elaboração deste conceito, etapa por etapa, a fim de facilitar a compreensão do leitor quanto às implicações da revisão acolhedora, discutidas ao longo do artigo;
- c) Após esta apresentação das bases da argumentação, contextualiza as especificidades da produção escrita em Conscienciologia e aponta duas tendências comportamentais opostas no modo de revisar;
- d) A partir daí, explora o processo de revisão em si e sugere medidas para a qualificação do trabalho revisivo.

Esclarecimento. Dicionários foram deliberadamente utilizados em todo o texto enquanto fonte de analogias para exploração do tema.

I – COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E REVISÃO

Vida. Os processos comunicativos são a essência da vida intrafísica. A regra básica é: todos os seres possuem estratégias de comunicação. Biologicamente falando, pode-se considerar a comunicação em pelo menos três níveis distintos, sendo dois os mais óbvios: a *comunicação intraespecífica* (dentro de uma mesma espécie, por exemplo, duas formigas) e a *comunicação interespecífica* (entre espécies diferentes, igual ocorre entre uma pessoa e seu gato ou cão).

Fisiologia. O terceiro, menos perceptível aos leigos, em razão da invisibilidade a olhos humanos desarmados, é a *comunicação de nível fisiológico*. A fisiologia se estruturou evolutivamente (no sentido biológico) em processos de *feedbacks* comunicativos, célula a célula, órgão a órgão, sistema a sistema. Isto é válido desde os organismos unicelulares mais simples até os seres de maior complexidade fisiológica, como querem crer muitos humanos.

Cultura. A sociedade humana não foge à regra. Também elaborou historicamente seu sistema de comunicação intraespecífica, possibilitando intercâmbios de aprendizagens e posicionamentos e, com isso, a sobrevivência da espécie. As mensagens trocadas entre os humanos podem ter sido inicialmente restritas à alimentação, à fuga de ameaças, a alianças e à procriação – atividades básicas de manutenção da vida.

Diversificação. Conforme cultura e biologia se complexificavam, afetando-se mutuamente, as sociedades cresceram, espalharam-se geograficamente, ampliaram suas atividades, formas de interação e necessidades. Assim, os acordos comunicativos viabilizadores da troca entre as pessoas foram se enriquecendo, diversificando e simultaneamente possibilitaram mudanças sociais e culturais.

Signos. O ato de comunicar é a materialização de pensamentos e sentimentos em signos conhecidos pelas partes envolvidas. Logo, tais signos são transmitidos e reinterpretados pelo receptor.

Teorias. No âmbito da Teoria da Comunicação, as correntes existentes conferem diferentes pesos para cada componente da comunicação. Para o Funcionalismo, todo conteúdo enunciado pelo emissor seria aceito pelo receptor (público). Em resposta a esta visão, surge a Teoria Crítica, da Escola de Frankfurt¹, a qual analisa profundamente a transmissão / dominação ideológica na comunicação de massa, criticando o modelo. Porém, para estudiosos de outra corrente, a Escola de Palo Alto, o receptor tem consciência e seleciona o conteúdo aceito. De outro ponto de vista, o da Teoria das Mediações, de Jesús Martin-Barbero, a compreensão ou aceitação do receptor varia grandemente conforme sua cultura.

Linguagem. Por isso, de acordo com Camillo (1997), falar em linguagem requer

“discutir a comunicação como fenômeno cultural, para o qual as mensagens se organizam e se tornam compreensíveis em referência a diferentes sistemas de signos codificados, construídos histórica e socialmente. (...) Um signo é tudo aquilo que está relacionado com uma segunda coisa, seu objeto, com respeito a uma qualidade, de modo tal a trazer uma terceira coisa, seu interpretante, para uma relação com o mesmo objeto. Este interpretante, resultante do processo de internalização (reconstrução interna de uma atividade externa), é um signo mais desenvolvido, um novo signo.”

Psicossocial. Desta forma, percebe-se o caráter não apenas cultural da comunicação através da linguagem, mas também essencialmente intraconsciencial. Palavras resultam de convenções sociais, em princípio facilitando o entendimento a respeito do representado por elas (objeto, em semiótica). Porém, pelo fato das palavras representarem eventos vividos, sentidos e pensados, se tornam únicas, singulares em seu significado por quem as profere ou escreve (devido à história do sujeito comunicante), mesmo tendo simultaneamente caráter universal na cultura a qual pertencem.

Percepção. Para Mendes (2010), podem ser distintas as formas como são percebidas as coisas do mundo entre os grupos, pois língua e cultura são intrinsecamente conectadas.

“Tomemos emprestado de Pietroforte e Lopes (2003, p. 116) um exemplo rápido sobre esse tema: o arco-íris do mundo anglo-saxão tem uma cor a menos que no mundo que fala português, já que a cor *purple* possui as variações roxo e anilado. Isso não quer dizer que os habitantes da Inglaterra ou dos Estados Unidos, por exemplo, sofram de algum problema na visão. Pelo contrário, o que ocorre é que o recorte do *continuum* (cromático, no caso) se dá a partir de cada cultura. Dito de outra maneira, o mundo não nos é dado tal qual ele é; não temos acesso a ele senão pela linguagem (...) Dessa maneira, a linguagem é muito mais que um instrumento de transmissão de informação ou de representação do mundo tal qual ele é. A linguagem impõe ao mundo “real” suas categorias e estruturas e é só por meio delas que o mundo se nos dá a ver. Desse modo, nunca teremos acesso à essência última do mundo que chamamos de real, senão pela linguagem, sempre mediados, imersos, banhados por ela. Como mostra Greimas (1976, p. 11), o mundo humano só se define como humano na medida em que significa alguma coisa. (...) para a Semiótica Discursiva, um bilhete escrito à mão, uma fotografia, uma peça de teatro, uma telenovela ou uma escultura, por exemplo, são textos. A Semiótica, sendo uma disciplina que se ocupa da descrição dos mecanismos que engendram a significação, estaria, de acordo com França (2001), centrada em uma das três dinâmicas presentes na comunicação, ou seja, a **produção de sentido**” (Mendes, 2010, destaque meu).

1 Cujos representantes mais conhecidos são os filósofos Adorno e Horkheimer.

Entendimento. Comunicação, portanto, ultrapassa a mera transmissão e recepção de mensagens. É troca de entendimento mediada pela linguagem e seus signos. Os mesmos fatores a permitir o intercâmbio de informações podem dificultá-lo: os pressupostos de cada pessoa, suas experiências, valores, crenças; enfim, sua forma de significar os signos intercambiados.

Significação. Rivière (1984), citado por Camillo (1997), afirma depender a compreensão da gênese e da natureza da consciência de análise

“dos processos de internalização da linguagem e da organização ou estrutura semiótica a que estes dão lugar. A consciência e as funções superiores são mecanismos de significação. A consciência não reflete o real por uma espécie de imposição direta das coisas; se serve de categorias e conceitos, estabelecendo ‘formas de unidade’ em seu reflexo indireto dos objetos e das relações. Estas formas de unidade é que permitem falar, num plano semântico, na linguagem e na própria estrutura da consciência. Se a consciência fosse constituída do reflexo direto do real, não teria pertinência em se falar em significado.”

Texto. Mendes (2010) defende em seu artigo o caráter transformador do mundo detido pelo texto. Para ele, além da significação, o texto é estrutura articuladora de relações:

“O texto é muito mais que um objeto a partir do qual se pode depreender a significação: pelo texto, para além da significação *stricto sensu*, depreendem-se os elementos do próprio processo comunicativo. (...) A “mensagem”, objeto de trocas comunicativas ou, mais amplamente, os *textos são estruturas complexas que recriam, reconstróem o mundo*. São estruturas, que nelas mesmas, criam o efeito de existência de interlocutores e/ou se fundem com aquilo que está para o além do próprio texto de modo a produzir sentido.”

Posicionamento. No presente trabalho adota-se esta compreensão da comunicação enquanto processo no qual os participantes possuem e constroem significados idiossincráticos, peculiares a si, os quais buscam intercambiar apesar das dificuldades inerentes à partilha de percepções. Tal processo deve ser levado em consideração pelo revisor, a fim de efetuar assistência mais abrangente.

Graus. Peirce (1984), outro autor utilizado por Camillo (1997), considera três graus de *significação* da palavra. Primariamente, a palavra tem significado quando uma pessoa a emprega para comunicar uma mensagem, e seu interlocutor é capaz de compreendê-la. Em segundo lugar, constitui-se pelo nível de comprometimento (ou não) dos interlocutores com as decorrências da palavra aceita, isto é, as respectivas implicações. Entretanto, além das consequências conscientemente aceitas, existem inúmeras outras, imprevistas, potencialmente transformadoras do mundo, configurando, então, um terceiro grau do significado.

Processo duplo. Observa-se, nesta ponderação de Peirce, novamente a construção do significado comunicativo enquanto processo ocorrido por vias sociais e pessoais, havendo, assim, a marca pensênica e biográfica de cada um, tanto quanto o consenso cultural.

Itens. Nas comunidades intrafísicas a comunicação ocorre por meio da linguagem falada, gestual e escrita (também denominada linguagem gráfica), cada qual com suas peculiaridades. Nesta última, a mensagem se delimita por blocos constituídos por palavras, frases, parágrafos, páginas, capítulos e por sinais gráficos como pontos, acentos, números, espaços gráficos entre as palavras. Para Camillo (1997), tais sinais

“complementam as relações de significação e interpretação das mensagens, funcionam como pistas visuais e marcam pausas, entonações, ritmos, dentro do contexto. No

processo de significação, mediam as intenções do escritor naquilo que quer expressar para o interlocutor ausente, [cabendo então ao leitor] captar a sequência de palavras e interpretá-las. Este produto ou emissão que foi captado ou lido, apresenta um conteúdo de significação próprio, (...) podendo guiar o interlocutor ao encontro da intenção e do significado pretendido pelo autor. Além dos agentes internos referentes ao próprio texto, existem aqueles relacionados aos conhecimentos prévios do leitor.”

Adequação. Isto posto, mostra-se evidente a importância do revisor considerar as dimensões comunicativas ao realizar seu trabalho. As revisões gramaticais tratarão do significado consensual da linguagem. O estilo de escrita, a escolha das palavras e mesmo os erros cometidos revelam a cognição e a personalidade do autor.

Evidência. O aspecto consciencial da revisão de texto se evidencia mais fortemente ao considerar os outros graus de significação de Peirce. A recin do autor pode corresponder ao segundo grau (comprometimento com as consequências), enquanto o alcance assistencial pode ser associado ao terceiro (efeitos imprevistos).

Tipos. Do ponto de vista idiomático, existem pelo menos 15 tipos de gramática: normativa, descritiva, histórica, comparativa, internalizada, implícita, teórica, generativa, transformacional, transferencial, geral, universal, formal, funcional, comparada. Para a revisão textual, utiliza-se a *gramática normativa*, referente à padronização da língua, sendo especialmente relevantes as funções fonéticas / fonológicas², morfológicas³, sintáticas⁴, semânticas⁵. Existe ainda o estudo da Estilística⁶.

Dimensões. Na revisão gramatical, são considerados 3 aspectos: pragmático, semântico e formal.

1. **Pragmática.** A dimensão pragmática considera a relação entre o texto e suas condições de produção, reflete sobre as diferentes modalidades linguísticas a partir do contexto dos textos e estuda os diversos usos da língua a partir de diferentes interlocutores e situações de comunicação.

2. **Semântica.** Considera os diferentes mecanismos a garantir a coesão, coerência e progressão textuais, o vocabulário adequado às diferentes situações de comunicação, tendo em vista a variedade de interlocutores. Leva em conta as intenções dos interlocutores.

3. **Formal.** Também avalia o uso adequado das diversas classes gramaticais, pontuação, elementos de articulação e aspectos sintáticos semânticos e/ou morfossintáticos (nível vocabular lexical) para alcançar coesão textual.

Síntese. Dentre os aspectos textuais, são considerados: o desenvolvimento do tema (compreensão e conhecimento do assunto), a sequência das ideias (lógica, conexão), as qualidades estilísticas do texto (clareza, concisão, objetividade).

2 Estuda dos fonemas e sua combinação, e dos caracteres prosódicos da fala, como o acento e a entonação. ROCHA LIMA (1996).

3 Estudo das formas, sua estrutura e classificação. Idem.

4 Estudo da construção da frase. Idem.

5 Estudo do significado da palavra. PASCHOALIN & SPADOTO (1989).

6 Cada indivíduo tem a sua maneira própria de utilizar as palavras. Ao organizá-las, demonstra o seu estilo ao falar e ao escrever. Idem.

Prioridade. Em cada área da gramática normativa, podem ser destacados os aspectos imprescindíveis ao revisar, conforme listagem fornecida pela revisora profissional Marcia Abrantes⁷:

1. **Fonologia:** as regras gerais de ortografia, acentuação gráfica e emprego do hífen.
2. **Morfologia:** plural dos substantivos compostos e dos adjetivos compostos; conjugações do verbo; preposição e crase; conjunções coordenativas e subordinativas (importantes para a coesão textual).
3. **Sintaxe:** coordenação e subordinação (importante para a pontuação, paragrafação e coerência textual); sintaxe de concordância (nominal e verbal), de regência (nominal e verbal) e colocação dos pronomes (próclise, mesóclise e ênclise).
4. **Semântica:** o significado das palavras e a polissemia; denotação e conotação; vícios de linguagem (pleonismo vicioso, cacófato, eco, hiato, colisão, ambiguidade, solecismo e barbarismo).
5. **Estilística:** funções da linguagem (ajudam a identificar a linguagem científica do texto) e estilo individual – é necessário analisar a linguagem do autor: os recursos semânticos, sintáticos, morfológicos (a exemplo do uso das conjunções coordenadas e subordinadas) para expressar sua mensagem.

Personagens. Conforme o objetivo da revisão, diferentes personagens podem se envolver na tarefa, cumprindo papéis específicos. Há revisores de conteúdo, de tradução, de gramática, de diagramação e formatação. Quando é o caso de livro ou revista, existe o editor, responsável por preparar o texto para publicação conforme as normas editoriais do veículo ao qual se destina. Por fim, um perfil especial de revisor é o de orientador de texto, cuja responsabilidade assemelha-se à de parteira, auxiliando o autor a traduzir ideias em palavras de acordo com objetivos definidos.

Conexões. Levando em conta a natureza intraconscencial da produção textual, é relevante pontuar a conexão entre a *forma* utilizada pelo autor (observada por meio dos aspectos gramaticais) e o conteúdo veiculado por ela, necessariamente resultante da síntese evolutiva da consciência naquele momento. A forma constitui tão-somente reflexo cognitivo da consciência e assim deve ser considerada.

II – PARA DEFINIR REVISÃO TEXTUAL ACOLHEDORA

Processo. A forma de apresentar os termos-chave do artigo procura *demonstrar* o processo dedutivo de construção destes. Permite ao leitor acompanhar e compreender o vínculo entre a revisão acolhedora e os aspectos posteriormente analisados nas demais seções do texto. Assim, primeiramente estudam-se os significados de *revisão*. Em seguida, o mesmo é feito com o vocábulo *acolhimento*. Somente após detalhar e discutir ambos os termos é apresentada a definição do **conceito-síntese: *revisão acolhedora***.

1 – Revisão

Revisar. A revisão, de acordo com o dicionário Houaiss eletrônico, é o ato ou efeito de rever ou revisar, significando esta por sua vez:

“Ter novamente sob os olhos; ler (texto), a fim de consertar-lhe possíveis erros, sejam eles relativos à estrutura do texto (redação, digitação, tipografia etc.) ou ainda relativos ao conteúdo; emendar, corrigir, rever.”

7 Comunicação pessoal, por e-mail, em 15/11/10, 19h21.

Examinar. Da mesma forma, revisão é também proceder a uma “nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo exame.” E ainda:

“Exame minucioso de um projeto, lei etc. com o objetivo de corrigir possíveis erros; alteração, modificação de uma coisa qualquer, em consequência de se ter *reconsiderado*, repensado o assunto; *reavaliação, reconsideração*” (grifos meus).

Estrutura. Estas acepções permitem conhecer a estrutura do ato revisivo. Mostram simultaneamente a *finalidade* e a *natureza* do processo de revisar. A finalidade é ajustar, corrigir possíveis erros, equívocos e omissões. Para isso, calca-se em *ponderar* (sua natureza) – pois, como diz o dicionário, revisar é *re-considerar*. Considerar algo é justamente ponderar sobre ele. Ponderar, por sua vez, significa *avaliar* minuciosamente, isto é, ainda conforme os dicionários, *apreciar, medir, pesar, conhecer ou determinar o valor de*.

Sinopse. Ou seja: revisar = (re)considerar = ponderar = avaliar = determinar o valor.

Valorar. *Avaliar*, portanto, pressupõe julgamento acerca do *valor* de algo. Nenhum julgamento de valor, porém, parte do nada. Há sempre um contexto. O valor é atribuído de acordo com o *sujeito* avaliador e com *parâmetros* estabelecidos.

Em essência, se revisar é corrigir através de avaliação, trata-se, então, de *verificar* se o texto corresponde aos parâmetros postulados para uma determinada finalidade convencional.

Explicitação. Ora, se revisar significa calcular a adequação a certos princípios reguladores propostos pelo veículo responsável por publicar o texto, implica, logicamente, em definição clara de critérios a fim de poder ser *estimado seu valor* (avaliar).

Critérios. Utilizar *critérios* facilita o trabalho, pois estes funcionam ao modo de *guias orientadores*, levando à busca da aproximação de parâmetros considerados adequados. Delimita o escopo da análise, simplificando a tarefa.

Devolutiva. Ou seja, na perspectiva do autor revisado significa dizer-lhe *quanto vale* o trabalho realizado e o motivo de sua valoração.

Inferências. Neste ponto, vale lembrar a outra linha de acepção da palavra ponderar, isto é, além de avaliar, quer dizer *ter em atenção*. Acompanhe o raciocínio: se revisar é ponderar e ponderar é ter em atenção, significa, pelo dicionário, usar de *dedicação, cuidado, respeito* para analisar. Em síntese direta e linear:

Revisar = ponderar = ter em atenção = cuidado / dedicação / respeito.
Portanto, revisar = cuidar.

Fundamento. Logo, a *premissa* para revisar é olhar o outro com cuidado, com respeito.

Complementação. Para maior exaustividade na análise do termo *revisão*, cabe ainda observar a palavra *exame*, porquanto, por definição, revisar é, ademais de ponderar, *proceder a novo exame*.

Similitudes. Citado duas vezes na definição do vocábulo *revisão*, *exame* tem como acepções: teste, prova, investigação, análise, inspeção ou pesquisa minuciosa. Na sinonímia, encontra-se:

“Análise, arguição, averiguação, busca, consideração, diligência, ensaio, escrutínio, especulação, estudo, experiência, indagação, inquirição, inspeção, interrogação, interrogatório, investigação, observação, perquirição, pesquisa, procura, prova, revisão, revista, verificação, vistoria.”

Tendências. Percebe-se duas vertentes de *significação* para o vocábulo revisão:

a) Uma é mais *cobradora*, relacionada com prestação de contas, com a verificação de *obediência* a regras, como se vê em: arguição, inspeção, interrogatório, prova, revista, vistoria. Cobrança pressupõe dívida.

b) Outra, mais aberta, *pesquistística*, no intuito de investigar para *compreender* determinada realidade: análise, averiguação, busca, consideração, ensaio, escrutínio, especulação, estudo, experiência, indagação, inquirição, interrogação, investigação, observação, perquirição, pesquisa, procura, verificação.

Holobiografia. A propensão do revisor em agir de acordo com uma destas vertentes dependerá de sua história multiexistencial, e, conseqüentemente, de seu temperamento, traços e valores.

Rendimento. Independentemente do perfil do revisor, é preciso reconhecer a diferença de capacidade assistencial da abordagem pesquisística, em contraposição à vertente cobradora. Uma compreende, ampara, esclarece. A outra julga, exclui, pune.

Etapa. Tendo finalizado a exploração dos vocábulos *revisar* e *revisão*, passa-se agora a analisar o significado de *acolhimento*.

2 – Acolhimento

Acepções. De acordo com o dicionário Houaiss eletrônico, *acolhimento* é o “ato ou efeito de acolher; a acolhida; a maneira de receber ou de ser recebido; recepção, consideração”. É também “abrigo gratuito; hospitalidade; local seguro; refúgio”.

Sujeito. Desta forma, *acolhedor* é quem: “oferece bom acolhimento; hospitaleiro”; sabe receber com respeito, consideração; oferece segurança.

Amparo. Sendo a definição de *acolher* igual a oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; proteger(-se); abrigar(-se); amparar(-se); então, desmembrando, tem-se, ainda pelo Houaiss, duas linhas de significado:

- a) “Dar ou receber hospitalidade; hospedar(-se), alojar(-se), recolher(-se); ter ou receber (alguém) junto a si; prestar cerimônia a; recepcionar.
- b) Reagir (de determinada maneira) a; receber, admitir (algo), aceitar; dar crédito a, levar em consideração (pedido, requisição etc.); atender.”

Essência. Assim, em suma, *acolher* implica amparar, aceitar e atender à demanda, dando crédito e respeitando a necessidade posta.

Recepção. Na Psicologia, acolher é receber. Implica criar condição de intimidade para ouvir e permitir ao outro colocar-se inteiramente, sem calar o ainda não dito.

Verbetes. Do ponto de vista conscienciológico, o acolhimento pode ser analisado a partir do verbo *Aconchego*, da Enciclopédia da Conscienciológica, cuja definição é “o ato ou efeito de aconchegar, o *acolhimento* ou amparo físico junto a alguém ou algo” (Vieira, 2010).

Fraternidade lúcida. Neste verbete, o acolhimento é associado ao holopensene da afetividade e à ortopensenidade.

Assistência. Acolher constitui ação multidimensional e holossomática, fundamentalmente relacionada à assistência, conforme se depreende das correlações entre acolhimento e EV profilático, amparo de função, paravínculo, extrapolicionismo parapsíquico e centrais extrafísicas, todas listadas no item Parafatologia.

Intenção. O verbete apresenta no tópico Enumerologia os seguintes aspectos: “a benignidade; a generosidade; a beneficência; a magnanimidade; o amparo; o fraternismo; a filantropia.” Nesta perspectiva, ao acolhimento, inequivocamente, subjaz intenção benévola e amparadora.

Distinção. De acordo com o verbete, entretanto, o ato de aconchegar ou acolher em si é neutro, pois também pode ser associado à sedução, carneirismo, carência afetiva, interiorose, endosso sentimental, codependência afetiva (conforme visto em Fatologia). Ou seja, cabe à consciência decidir sob qual enfoque será acolhedora.

Predominância. Apesar desta ressalva, a abordagem do verbete é predominantemente positiva, enfocando o altruísmo, a solidariedade, a abnegação cosmoética, CPC (aspectos listados em Fatologia) e o trinômio humanidade-universalismo-mentalsomaticidade.

Posicionamento. Tal é a abordagem empregada neste artigo.

3 – Revisão Acolhedora

Síntese. Tendo em vista os aspectos arrolados e debatidos nos itens 1 (revisão) e 2 (acolhimento), e, para efeito deste artigo, define-se *revisão textual acolhedora* como:

- O ato *comunicativo* de analisar ou considerar atenta, minuciosa, respeitosa, generosa e compreensivamente um texto, levando em conta os aspectos multidimensionais tanto quanto possível, proporcionando segurança e amparo ao autor, e buscando contribuir fraternalmente para potencializar os efeitos assistenciais da gescon em análise, ao apontar ajustes, equívocos, erros e omissões.

Colaboração. O revisor ou revisora é, geralmente, o primeiro leitor (afora o próprio autor) a criticar o texto, devendo exercer função amparística neste processo. Este fato, por si só, já estabelece e clareia a necessidade de receber o autor e sua produção gescônica assistencialmente. No âmbito conscienciológico, *revisar é cooperar com a proéxis do outro*.

Propósitos. A proposição da necessidade de uma revisão matizada pelo acolhimento pode ser melhor entendida ao contextualizar a produção escrita em Conscienciológica quanto às respectivas finalidades.

III – FUNÇÕES DA PRODUÇÃO ESCRITA CONSCIENCIOLÓGICA

Confor gráfico. Antes de tudo, é preciso rememorar o caráter da produção escrita, constituindo-se em confor gráfico, isto é, “forma simbólica que representa um conteúdo de significação vivido, percebido, parapercebido” (Camillo, 2004).

Diversidade. No contexto conscienciológico, o texto escrito possui diversos fins: divulgação, proposição de novos conhecimentos, geração de neossinapses, questionamento de compreensões estabelecidas, entre outras.

Marcas. Para estabelecer correspondência funcional entre revisão e texto, importa considerar 3 aspectos singulares implicados na estrutura da escrita conscienciológica:

1. *Assistência:* o fundamento da decisão por um texto conscienciológico é compartilhar aprendizados *evolutivos*. Neste sentido, propõe-se a assistir pessoas em condições semelhantes ou próximas, ou ainda estudiosas do tema.

2. *Autopesquisa:* o princípio fundador da pesquisa conscienciológica é o *pesquisador* tornado simultaneamente também *objeto e instrumento* de pesquisa. O ponto de partida para a assistência é justamente a autopesquisa. Ao compreender melhor aspectos da própria natureza consciencial, e disponibilizar graficamente os aprendizados deste laboratório, a pessoa esclarece com sua casuística e estudo sobre o tema. Com isso, em primeiro lugar, assiste a si própria. Pois

“O registro energético, via confor gráfico, otimiza as autopercepções, auto-enfrentamentos, visão de conjunto, as assinaturas pensênicas do que se vive (...) Quando buscamos representar, via simbologia gráfica, o que apreendemos, estamos estruturando campos de autoanálise consciencial do contexto vivido. A estruturação ideativa, a organização (...) da pensenização, o detalhismo, a anotação dos fatos vividos são técnicas práticas para a compreensão e (re) estruturação dos nossos pensenes.” (Camillo, 2004, p.126)

Em seguida, ou quase simultaneamente, o texto assiste a outrem, sejam conscins ou consciexes. A autopesquisa leva, ao ampliar a escala de estudo do assunto, para a heteropesquisa. Conforme novas consciências são incluídas no processo pesquisístico este ganha em complexidade.

3. *Doação de direitos autorais:* em coerência com a intenção assistencial, livros produzidos a partir do processo de autopesquisa e heteropesquisa têm seus direitos autorais doados, de modo a efetuar tripla assistência:

a) Autoassistência: o aprendizado da autodoação, sem pedir para si, impactando também no autorrevezamento;

b) Heteroassistência: realizada pela informação e exemplarismo;

c) Retroalimentação: assistência feita pelos recursos financeiros arrecadados com a venda dos livros, realimentadora de outros projetos assistenciais da CCCI, semelhantes à criação de laboratórios, manutenção de instituições conscienciocêntricas, publicação de novos livros, patrocínio da itinerância de professores de cursos conscienciológicos, entre muitos outros tipos.

Finalidades. Tomando em consideração estes pilares da produção da escrita conscienciológica, podem ser citadas pelo menos dez *finalidades assistenciais*.

01. **Representatividade:** o livro publicado, divulgando os aprendizados evolutivos, da pessoa, fala por ela. Economiza tempo e dinheiro, pois representa a pessoa em diversos lugares simultaneamente, estendendo seu esclarecimento no tempo, para além da dessoria do autor ou autora. Essa representatividade permite ao autor fazer-se presente em diversos lugares ao longo de décadas ou mesmo séculos.

02. **Atualização:** multidimensional e multiexistencial, pois tal representatividade permite a atualização simultânea de diversas conscins e consciexes a respeito das reciclagens do autor(a), seus novos posicionamentos, valores, tendências, traços, escolhas, atitudes e até hábitos.

03. **Reconciliação:** a atualização, por sua vez, pode ocasionar reconciliações diversas. Ao reciclar e ao registrar por escrito as novas opiniões, aprendizados e posicionamentos, a consciência

escritora *mostra* sua atual síntese pensênica, sua *configuração* do momento. Parte de seus leitores pode ser composta por desafetos do passado ou rivais ideológicos, cujas desavenças se devam a posições agora já superadas pela consciência em questão, o autor ou autora. Neste sentido, o livro é oportunidade para explicitar tal situação, acelerando o processo reconciliatório. Pode ocorrer, por exemplo, com ex-ditador, presentemente trabalhando pela instalação da democracia pura.

04. **Retratação:** o efeito da atualização pode avançar ainda mais, promovendo a retratação de quem escreve. Neste caso, o autor apresenta posições diversas daquelas antes defendidas, em vidas pgressas, propondo-se a corrigir erros cometidos. É o caso da pessoa de passado belicista, hoje, dedicada à construção da paz.

05. **Maxidissidência existencial:** a maxidissidência está envolvida neste processo, pois ao atualizar posicionamentos e escolhas de vida, o autor está também informando aos ex-parceiros, sócios, comparsas e afins, seus novos tipos de interesses e envolvimento. Com isso, *chancela, oficializa* sua saída de grupos pretéritos. É o caso, por exemplo, do ex-religioso fundamentalista, agora, defensor do princípio da descrença e do pensamento crítico. Adicionalmente, o registro escrito, neste caso, age como válvula de segurança para o autor, evitando recaídas futuras.

06. **Início de tarefa proexológica:** ao assumir novas posturas, decorrentes de recins sucessivas, a consciência se predispõe a *começar de novo, partir do zero*, atuar de modo diferente. O livro, então, pode ser para esta pessoa oportunidade de lançar as bases deste novo trabalho ao qual se propõe: seja criar uma nova área de pesquisa, ampliar uma vertente de trabalho, apresentar fundamentos diferentes para políticas ou outra tarefa de algum modo renovadora no contexto de sua holobiografia.

07. **Convocação de equipe:** ao iniciar tarefas, uma providência fundamental é a formação de equipe de trabalho, por intermédio da aglutinação de conscins e consciexes com interesses e necessidades semelhantes. Neste sentido, o livro pode atuar ao modo de convocatória, despertando interesse pelo tema, e, assim, gerar debate e contato direto com o autor, reconhecimento de grupos evolutivos e temas de trabalho coletivos. Livros podem aglutinar milhares de pessoas afins.

08. **Autorrevezamento:** uma das mais citadas utilidades da publicação do livro conscienciológico é sua função de cápsula do tempo para o próprio autor, porque o texto sempre traz a marca do temperamento, traços e valores de quem o escreveu, evidenciados pela escolha do tema, forma de tratá-lo e estilo redacional. Este fato, associado a todo o trabalho de auto e heterodesassédio efetuado durante o processo de escrita, incluindo as atualizações, reconciliações e retratações multidimensionais, favorece a formação de forma holopensênica atratora para seu criador. Assim, em futuras existências intrafísicas, o material publicado pode vir a se tornar um tipo de senha facilitadora para a consciência retomar suas tarefas aproximadamente do ponto onde parou.

09. **Heterorrevezamento:** da mesma maneira, deixar registrado conjunto de ideias, achados novos, propostas ou resultados e conclusões já alcançados em determinada linha de atuação permite a outras pessoas dar continuidade ao trabalho iniciado. A construção do conhecimento é tarefa necessariamente coletiva.

10. **Finalização de tarefa:** a conclusão de uma etapa multiexistencial também exige registro. Em geral, quando nos dedicamos a tarefas evolutivas mais complexas, o trabalho nos ocupa durante algumas vidas. Pode-se supor a existência de um período definido de envolvimento da pessoa com tais tarefas. Hipoteticamente, conforme o trabalho promove as reconciliações e esclarecimentos necessários, vai aglutinando pessoas em torno dele. Ou seja, cumpridos os desassédios

relativos ao compromisso *do indivíduo* com outras consciências (e não do tema em si), e, ao mesmo tempo, o encaminhamento do trabalho, cabe, por parte da pessoa, um balanço da situação e o redirecionamento de seus esforços para novas prioridades. O livro, neste caso, atua qual acabamento de uma construção, ou ata de reunião. O registro escrito garante o acesso à informação às pessoas, ainda ou futuramente, envolvidas com o tema. Portanto, liberta o autor para dar início a novos empreendimentos.

IV – CORRIGIR OU COBRAR? TENDÊNCIAS DO REVISOR

Lucidez. Toda ação se fundamenta em intenções, para as quais a consciência pode estar lúcida ou não. Motivações ectópicas podem comprometer a possibilidade de assistência ocasionada pela revisão.

Autopercepção. Independente da existência de funções definidas tecnicamente para a revisão, quem realiza a tarefa é a consciência. Assim, entender teoricamente a finalidade assistencial da revisão ainda não significa colocá-la em prática.

Hipóteses. A título de exemplo, a listagem, a seguir, elenca possíveis motivações subjacentes ao ato de revisar, podendo ocorrer de maneira combinada ou não, ser pró-evolutivas ou não.

Teste. O revisor (ou revisora) interessado poderá se questionar, verificando qual a medida (de zero a dez) de seu agir conforme cada hipótese da lista, todas aqui apresentadas sob a forma de questionamentos para responder à questão básica: *por qual motivo alguém se dispõe a revisar um texto?*

01. Para apontar-lhe os erros, equívocos, omissões?
02. Para propor melhorias? Ampliar o potencial assistencial do texto?
03. Para corrigi-lo? Sendo assim, qual o motivo: não consente erros? Ou entende ser possível favorecer a intenção assistencial do autor de modo mais efetivo?
04. Para treinar o senso crítico e a habilidade de analisar?
05. Para sentir-se superior ao propositor do texto?
06. Para contribuir com o trabalho do autor?
07. Para aprender sobre novos temas e estilos?
08. Para proteger determinada forma de pensar?
09. Para ser guardião de valores e de percepções de mundo específicas? Neste caso, por quê? Haveria necessidade de guardiões para o conhecimento? Por qual razão? Até quando? Em qual nível? Qual o perfil holobiográfico deste personagem, o guardião?
10. Para exercer o papel de auxiliar da proéxis alheia, em coautoria silenciosa na parturição de ideias?
11. Para colaborar com o desassédio do esclarecimento proposto e prestado por outrem?

Autodiagnóstico. Admitindo dentre estas possibilidades a assunção da tarefa de revisar sob a perspectiva de auxiliar o autor, resta analisar qual a própria *tendência* enquanto revisor: *corrigir* ou *cobrar*? Tal tendência deriva do temperamento pessoal e, por isso, provavelmente marcará a intenção do revisor na realização da tarefa revisiva.

Trato. Cada qual destas tendências carrega distintos pressupostos e difere no tratamento do *erro*.

Propensões. Sabendo ser inerente à revisão identificar e lidar com os erros do texto, ter boa intenção é pouco. Torna-se pertinente compreender a própria concepção de erro, o julgamento a respeito dele e a maneira como se tende a tratá-lo.

Aspectos. As acepções de *erro* podem ser agrupadas conforme quatro ideias:

1. **Incorreção:** decisão, ato ou resposta incorreta.
2. **Imprecisão:** algo vago, inexato, sem clareza, impreciso.
3. **Equívoco:** a) crença, ou opinião, não correspondente à verdade; b) ilusão; c) juízo falso; d) engano; e) doutrina falsa.
4. **Culpa:** falta.

Decorrências. Provavelmente, quando o revisor tende a olhar o erro ao modo de incorreção, imprecisão ou equívoco, buscará *corrigi-lo*. Diferentemente, quando o aborda enquanto ato culposo tenderá a *cobrar* do autor.

Tensão. Assim, será útil compreender a relação entre estes dois polos: *culpa-cobrança* vs *incorreção-ajuste*. Visite-se, então, uma vez mais, o dicionário:

1. **Cobrar:** “proceder à cobrança de; pedir ou exigir que seja pago aquilo que é devido. Receber; recuperar. Ganhar.”

Reivindicação. Cobrança pressupõe dívida. Portanto, constitui *exigência* de ressarcimento. Seria adequada esta forma de tratar o autor, exigindo ressarcimento?

Interassistência. O revisor quando atua desta forma e ao perceber semelhança de tal hábito à atitude assediadora, provavelmente, sentirá ímpetos de reciclar-se. Destarte, a mera constatação de estar condicionado ao *modelo culpa-cobrança* poderá ajudá-lo a iniciar autoenfrentamento, beneficiando não só ao trabalho, mas também à própria vida de modo geral.

2. **Corrigir:** “fazer a correção de; emendar. Tornar exato ou mais exato; retificar; melhorar. endireitar; compor. Atenuar os exageros ou inconvenientes de; temperar; suavizar; compensar. modificar. Infligir um castigo a; castigar. Emendar os próprios erros. Lutar contra os próprios defeitos ou comportamentos considerados incorretos.”

Aperfeiçoamento. A correção, diferentemente da cobrança e exceto por uma acepção, implica melhoria. *Qualificar* é o fundamento de *corrigir*. Vale, então, todo esforço para construir em si esta perspectiva teática de revisão.

Precaução. Sem analisar as próprias tendências, quanto ao modo de lidar com o erro, o hábito de proceder poderá interferir negativamente na revisão de modo despercebido. Ser incauto não combina com revisar. Avaliar requer cuidar.

Equívocos. Importa evidenciar estas tendências por afetarem diretamente o *modus operandi* do revisor. Pode haver, todavia, inúmeros equívocos no processo de revisar decorrentes de outros fatores, igual à *confusão holopensênica* estudada por Melo (2004), na qual, por exemplo, elementos em comum de holopensenes distintos podem levar a erros de interpretação quanto ao significado de algo.

Interpretação. Ademais, sendo a revisão *ato comunicativo multidimensional*, torna o texto sujeito à interpretação dos participantes deste processo (autor e revisor), fato por si só complexo e merecedor de atenção.

Futuro. Os enganos ou excessos decorrentes das dificuldades do ato comunicativo, assim como provenientes de outros fatores *não* serão discutidos no presente texto, porém é preciso assinalar sua existência a fim de facilitar o aprofundamento da autopesquisa do heterorrevisor interessado em qualificar-se.

Oportunidade. De toda forma, seja qual for a intenção e a tendência do revisor, o autor lúcido buscará identificar na revisão oportunidades para melhoria de seu trabalho.

V – A NATUREZA DA REVISÃO

Implicações. Considerar as finalidades assistenciais da escrita conscienciológica e os fatores dela decorrentes e nela implicados – a exemplo do auto e heterodesassédio, recuperação de cons, fenômenos parapsíquicos, reconciliações, acesso à holomemória – evidencia características do processo revisivo e certas *responsabilidades* do revisor saltam, então, aos olhos. Após examiná-las, alguns *tipos* de revisão são apresentados a partir de contrapontos.

A) RESPONSABILIDADES

Empenho. O esforço de ampliar a compreensão das implicações da revisão, contextualizando-as no âmbito do momento proéxico do autor, favorece o desenvolvimento de revisões acolhedoras.

Carma. A revisão do texto envolve revisar o processo autoral (portanto, existencial) da pessoa. Assim sendo, constitui tarefa de *importância holocármica*, devendo ser tratada com a necessária seriedade aí implicada. Ocasiona, por isso, conexão intensa com o autor.

Mediação. O revisor é, portanto, mediador de *campos comunicativos multidimensionais*⁸ e sem conscientizar-se disso empobrecerá seu trabalho.

Zelo. Usar de esmero, tomar procedimentos de segurança extrafísica e intensificar a *atenção multidimensional*⁹ (Ribeiro, 2004) e o grau de empatia para com o revisado tornam-se, então, partes inseparáveis e fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho.

Requisitos. Significa dizer: munir-se de disposição assistencial, destinar um tempo exclusivamente para a tarefa e criar um ambiente adequado, facilitando acesso direto às necessidades do autor. Além de limpo, arejado, iluminado, silencioso, bem provido de acessórios revisivos básicos (relógio, lápis, borracha, corretivo, canetas, papéis, marca-texto, computador com acesso à internet, livros especializados, dicionários, gramáticas, água e outros), tal espaço requer blindagem

8 Espaço interdimensional sedimentado nos e pelos processos interativos conscienciais – conscins e consciexes – a partir da mediação dos confores energéticos individuais e grupais, que representam o conteúdo de significação holopensênico que estrutura estes campos (Camillo, 2004).

9 Convergência do pensamento, foco, atividade, observação racional ao holossoma, circunstâncias holopensênicas ambientais, morfopenses, companhias extrafísicas, sincronicidades e clima interconsciencial.

energética. Da mesma forma, o estado vibracional e manobras energéticas ativadoras do corono e frontochacra são bem-vindas. Exteriorizações com vistas a buscar *rapport* com os amparadores de função e do próprio autor complementam os preparativos.

Considerações. Uma vez preparado o ambiente e a disposição pessoal para a revisão, resta empregar concentração e considerar alguns aspectos relativos a si mesmo e ao autor assistido.

1) *Quanto ao autor:*

a) **Tempo.** Levar em conta o *tempo existencial* empregado pela pessoa na produção do material escrito: favorece o *rapport* com o autor. Uma vez pronta, a obra parece ter sido sempre assim, ter se formulado de modo linear. No entanto, se trata de um mosaico de experiências de vida, de tempos diferentes interconectados, compostos pouco a pouco até adquirir aparência coesa. O mínimo para uma pessoa pode ser o máximo de outra.

b) **Circunstâncias.** Dispor-se a entender o *contexto* da produção e seu objetivo.

c) **Diferenças.** Analisar e *situar-se* quanto às limitações da pessoa: caso o livro ou o artigo fosse da autoria do revisor, possivelmente este utilizaria outra abordagem, vocabulário diverso, exemplos de outra natureza e provavelmente estrutura diferente daquela apresentada. Porém, ao revisar, o foco deve ser na intenção, no propósito, no interesse e na necessidade *do autor*, sem exigir dele algo além de suas capacidades ou opte pela direção escolhida pelo revisor.

d) **Traforismo.** Focar os trafores da obra: esta postura auxilia a manter o ambiente positivo, hígido; contribui para manter a disposição no trabalho; abre espaço mental para novas ideias; conecta o revisor àquilo de melhor oferecido pelo autor e, com isso, facilita a colaboração dos amparadores técnicos. Qual a “pérola negra” do trabalho do autor?

e) **Tese.** Identificar a mensagem central: buscar a essência do texto, entender o objetivo defendido pelo autor com sua obra. A partir desta clareza, poderão ser propostas reorganizações do trabalho, exemplos, recortes; enfim, adequações ampliadoras do esclarecimento desejado pelo escritor.

f) **Cosmovisão.** Correlacionar os itens anteriores: a combinação entre contexto-limitações--trafores-ideia central. Isto permite melhor compreensão do trabalho e confere precisão às intervenções revisivas.

g) **Correções.** Verificar omissões, distorções, insuficiências e equívocos: tendo em mente as fortalezas do autor, seu contexto e necessidade, é possível interceder de modo cirúrgico no acerto dos aspectos trafarísticos da obra, eliminando ou reduzindo os erros evitáveis, comprometedores da tares potencial do livro. O “teste da sua análise crítica”, do *Manual de Redação da Conscienciologia*, pode auxiliar neste intento.

h) **Tira-teima.** De acordo com Vieira (2003, p.336), o nível de correção das informações prestadas no texto pode ser verificado com o seguinte questionamento:

“Há alguma antiinformação, contrainformação, desinformação, hiperinformação, malinformação, seminformação ou subinformação (...)?”

i) **Documentação.** Registrar as dificuldades da obra: ao apontar as correções, cuidar de juntamente registrar sugestões, tanto de confor, quanto de recin, de acordo com o contexto e a possibilidade.

2) Quanto a si próprio, enquanto revisor:

Implicações. Considerando a abordagem comunicativa assumida neste trabalho, *revisão é também revisão de si*. Assim, alguns aspectos merecem ser levados em conta antes e durante o ato de revisar.

a) **Evitação.** Identificar as próprias dificuldades com o tema e com a pessoa: mesmo quando aparentemente não haja qualquer dificuldade, verificar as *impressões pessoais* relativas ao *autor* e ao *assunto* por ele abordado funciona ao modo de *vacina*, proporcionando alertas mentais contra eventuais preconceitos e apriorismos. Amplia a autopercepção e clareia os próprios limites tarísticos naquele contexto. Vale ponderar:

- Qual nível de isenção poderá ser empregado *nesta* revisão.
- Sob o prisma da Cosmoética, identificar se é a pessoa mais indicada para este trabalho.

b) **Limites.** Se o tema abala o revisor, a ponto de gerar reatividade ou reações emocionais intensas, ele encontra-se na condição de potencial assistido do texto e provavelmente ainda não está em condições de revisar o trabalho.

c) **Profilaxia.** Se há qualquer tipo de desentendimento, velado ou explícito, com o autor, faz-se necessária a devida reconciliação *antes* de aceitar o trabalho de revisão.

d) **Melindres.** Por vezes o autor escreveu sobre o mesmo tema de pesquisa do revisor. Se este fato levar o revisor a comparar-se, desqualificando os próprios escritos ou o texto do autor, assumiu um viés comprometedor da qualidade da revisão. A intenção contaminada tinge as observações efetuadas a respeito do livro de outrem.

e) **Excessos.** Intervenções excessivas podem ocorrer quando o revisor procura expressar através do trabalho de outro as pretensões pessoais. Neste caso, trata-se de assumir seus interesses, organizar-se e escrever de vez aquilo para o qual se propõe ou considera importante.

f) **Rigidez.** Por outro lado, quando o revisor emprega abordagem rígida, antiempática, autista, também incorrerá no erro da “poda drástica”.

g) **Teste.** O Teste 54 do livro *700 Experimentos da Conscienciologia*, denominado *Modos de ouvir o interlocutor conscienciológico*, embora relativo ao diálogo, permite ao revisor expandir a análise para todo o seu processo comunicativo. Ler também é *ouvir* a expressão do outro. Saber as próprias propensões comunicativas contribui para aperfeiçoar seu trabalho revisivo, criando estratégias para precaver-se de tendenciosidades.

h) **Competência.** Considerar o nível da qualificação pessoal é, obviamente, um elemento essencial a se levar em conta. Na eventualidade de uma dúvida de conteúdo ou relativa à forma, o revisor deve necessariamente abster-se de corrigir até sanar sua ignorância quanto ao aspecto duvidoso. Qualquer procedimento diverso desse revela pedantismo e arrogância ou também impulsividade, ansiedade. Tal erro, bastante comum, denomina-se hiperrevisão.

i) **Tríade da erronia.** De acordo com Vieira (2007), incorrer em *omissão*, *engano* ou *erro*, isoladamente ou combinadamente, pode resultar em interpretação grupocármica. O antídoto para este problema, segundo o autor, é a linearidade da autopensenação, de modo a gerar maior autorganização. Assim, convém estudar a tríade da erronia e aplicar seu antídoto também à atividade de revisar.

j) **Registro.** As anotações a respeito dos *insights* pessoais de todos os tipos ocorridos durante a revisão poderão ampliar ou redirecionar a própria pesquisa do revisor, bem como estender

a compreensão técnica do ato de revisar e das necessidades do autor. Além disso, colocam foco no aqui-agora, facilitando a aproximação e colaboração da equipex.

k) **Reações.** Revisar é excelente oportunidade para se autoperceber, identificar as próprias características por meio das várias reações pessoais durante a leitura.

l) **Sutileza.** Apesar disso, ao observar-se na tarefa de revisar (similarmente a outras atividades assistenciais), é preciso cuidado para evitar a contaminação da análise do texto em questão por efeito das próprias reações (a exemplo de estranhezas, preconceitos, repúdio, predileções ou paixões). O foco principal na revisão é o *outro*, não o revisor. Por isso, para fins da autopesquisa, é oportuno registrar em local *à parte* as percepções relativas a si mesmo surgidas enquanto revisa.

m) **Meta.** O ideal seria a compreensão do revisor alcançar o processo multiexistencial, holobiográfico do autor, com vistas a melhor *contextualizar* a produção da gescon em análise. Em tese, quanto mais o revisor estiver contextualizado quanto a estes aspectos, em melhores condições encontra-se para exercer sua tarefa.

n) **Pistas.** Porém, enquanto a maturidade parapsíquica do revisor não permite tal acesso, pode-se trabalhar com *indícios* do contexto autoral evidenciados pelo texto, aproveitando a parceria com os amparadores de função. Tais indícios se revelam, por exemplo, na escolha do tema, da abordagem, do estilo de escrita. Mostram-se também nas omissões e falhas do texto, bem como no objetivo assistencial deste e no público ao qual se destina. Esta ação colaborativa revisor-amparador exige buscar aplicar isenção empática para ser efetiva.

Ampliação. Além das responsabilidades do(a) revisor(a), importa considerar os tipos de revisão para melhor entender a natureza do processo de revisar.

B) TIPOS DE REVISÃO

Nuanças. O revisor poderá analisar as próprias tendências de confor e intencionalidade, posicionando-se em relação aos aspectos levantados neste tópico, muitos deles bastante semelhantes, contudo suficientemente distintos para serem considerados numa autoverificação.

Diversidade. Muitos critérios podem ser utilizados para classificar as abordagens revisoras. Nesse âmbito há grande diversidade, devido às variadas facetas da atividade revisiva. A listagem, a seguir, aponta 112 contrapontos em revisão, organizados em subgrupos, cujos itens se ordenam por afinidade.

Intenção

01. Revisão amparadora x revisão assediadora
02. Revisão homeostática x revisão patológica
03. Revisão assistencial x revisão mal-intencionada
04. Revisão discreta x revisão intrusiva
05. Revisão respeitosa x revisão manipuladora
06. Revisão conciliadora x revisão vingativa
07. Revisão abnegada x revisão invejosa
08. Revisão orientadora x revisão corretiva
09. Revisão didática x revisão impositiva

10. Revisão mediadora x revisão autoritária
11. Revisão compreensiva x revisão cobradora
12. Revisão acolhedora x revisão árida
13. Revisão generosa x revisão lacônica
14. Revisão empática x revisão autista
15. Revisão voluntária x revisão remunerada
16. Revisão espontânea x revisão imposta
17. Revisão intencional x revisão acidental
18. Revisão consensual x revisão arbitrária
19. Revisão posicionada x revisão omissa
20. Revisão honesta x revisão tendenciosa
21. Revisão *open mind* x revisão preconceituosa

Lucidez

22. Revisão lúcida x revisão distorcida
23. Revisão amparada x revisão assediada
24. Revisão madura x revisão imatura
25. Revisão isenta x revisão parcial
26. Revisão vasta x revisão míope
27. Revisão priorizadora x revisão desfocada
28. Revisão clara x revisão confusa
29. Revisão contextualizada x revisão cega
30. Revisão racional x revisão subcerebral
31. Revisão conscienciométrica x revisão desinteressada
32. Revisão flexível x revisão rígida

Foco

33. Revisão de si x revisão do outro
34. Revisão mentalsomática x revisão psicossomática
35. Revisão multidimensional x revisão intrafísica
36. Revisão extrafísica x revisão intrafísica
37. Revisão traforista x revisão trarafista
38. Revisão profilática x revisão remediadora
39. Revisão altruísta x revisão egóica
40. Revisão policármica x revisão egocármica
41. Revisão específica x revisão panorâmica
42. Revisão especializada x revisão genérica
43. Revisão plural x revisão unilateral
44. Revisão universalista x revisão segregacionista

45. Revisão criativa x revisão monoideísta
46. Revisão conteudística x revisão da forma
47. Revisão livre x revisão orientada
48. Revisão ampla x revisão restrita
49. Revisão metodológica x revisão constructual
50. Revisão científica x revisão religiosa

Forma emocional

51. Revisão fluida x revisão travada
52. Revisão pacificadora x revisão conflituosa
53. Revisão desarmada x revisão armada
54. Revisão serena x revisão ansiosa
55. Revisão grata x revisão onerosa
56. Revisão prazerosa x revisão ressentida
57. Revisão corajosa x revisão pusilânime
58. Revisão tranquila x revisão perturbada

Forma formal

59. Revisão individual x revisão em equipe
60. Revisão rápida x revisão paulatina
61. Revisão poliglota x revisão monoglota
62. Revisão sucinta x revisão abrangente
63. Revisão à mão x revisão ao computador
64. Revisão oral x revisão escrita
65. Revisão presencial x revisão a distância
66. Revisão primária x revisão secundária
67. Revisão direta x revisão indireta
68. Revisão de curto prazo x revisão de longo prazo
69. Revisão única x revisão periódica
70. Revisão contínua x revisão interrompida
71. Revisão participativa x revisão expositiva
72. Revisão incomum x revisão trivial
73. Revisão sistêmica x revisão mecanicista
74. Revisão pesquisística x revisão apriorista

Etapa

75. Revisão preliminar x revisão complementar
76. Revisão inicial x revisão final
77. Revisão precoce x revisão tardia
78. Revisão esboçante x revisão finalizada

Profissionalismo

79. Revisão profissional x revisão amadora
80. Revisão veterana x revisão inexperiente
81. Revisão teática x revisão teoricon
82. Revisão crítica x revisão ingênua
83. Revisão correta x revisão equivocada
84. Revisão tarística x revisão taconística
85. Revisão educada x revisão grosseira
86. Revisão detalhista x revisão superficial
87. Revisão profunda x revisão rasa
88. Revisão essencial x revisão marginal
89. Revisão séria x revisão leviana
90. Revisão responsável x revisão irresponsável
91. Revisão atenta x revisão distraída
92. Revisão criteriosa x revisão desorganizada
93. Revisão exaustiva x revisão preguiçosa
94. Revisão certa x revisão hiperrevisiva
95. Revisão concisa x revisão prolixa
96. Revisão técnica x revisão mística
97. Revisão realista x revisão iludida
98. Revisão complexa x revisão simplória
99. Revisão paciente x revisão imediatista
100. Revisão parcimoniosa x revisão desperdiçadora

Efeito

101. Revisão expansiva x revisão restringidora
102. Revisão facilitadora x revisão dificultadora
103. Revisão libertadora x revisão castradora
104. Revisão desafiadora x revisão complacente
105. Revisão incentivadora x revisão corrompedora
106. Revisão verpônica x revisão indulgente
107. Revisão construtiva x revisão destrutiva
108. Revisão transformadora x revisão formatadora
109. Revisão produtiva x revisão ociosa
110. Revisão consciencioterápica x revisão terapêutica comum
111. Revisão proexológica x revisão desviacionista
112. Revisão resolutiva x revisão problematizadora

VI – O PROCESSO DE REVISAR

Engano. É equívoco comum supor o começo da revisão quando tem início à leitura do texto em questão. Para melhor esclarecer o processo e desfazer essa impressão, a seguir, se descrevem as etapas componentes do revisar: envolvimento, grafotares e devolutiva.

A – Envolvimento

Princípio. Igualmente à situação de um aluno de curso conscienciológico, o qual se insere no campo assistencial daquele holopensene quando faz sua inscrição, passando a ser atendido pela respectiva equipex, também o revisado participa do campo assistencial do revisor desde quando é escalado ou convidado para aquele trabalho e o aceita.

Conexão. Desta forma, ambas as pensenidades acham-se conectadas daí por diante, afetando-se mutuamente. Ter consciência deste fato pode alertar o revisor, de modo a evitar patopenses em relação ao autor ou ao trabalho por diante, e, mais ainda, facilitar o acesso assistencial profissional.

Objetivos. Logo de início, compete ao revisor familiarizar-se acerca dos propósitos do texto, pois isso lhe dará mais clareza quanto às contribuições imprescindíveis e àquelas complementares.

Demanda. Certificar-se da demanda explicitada pelo autor é providência importante para guiar a atenção e as observações de quem revisa.

B – Grafotares de Mão Dupla

Contato. Tendo iniciado a leitura do texto, o contato com a realidade do autor se aprofunda e pode fornecer informações preciosas para o revisor no tocante à melhor abordagem assistencial do caso.

Registro. Dão-se, em seguida, as anotações revisivas ao longo da leitura. Nestes momentos, o campo pode tornar-se mais intenso, explicitando de vez as necessidades assistenciais do autor.

Tares. Pode ser necessário empregar a técnica da cosmoética destrutiva. Omissão não coaduna com revisão, no entanto vale lembrar a importância de criar o clima interconscencial adequado para a tares, evitando a confusão entre “cuspir verdades” e assistência.

Período. A leitura do texto, mas inevitavelmente também do autor, e o registro das observações, por vezes se estendem por alguns dias. Em função da natureza multidimensional do processo revisivo, o autor se mantém mais intimamente conectado ao revisor neste período.

Cuidados. Neste sentido, é medida de salubridade a atenção para a necessidade de iscagens lúcidas, o encaminhamento de consciexes, ou mesmo do próprio autor, para a tenepes. É preciso sustentabilidade energética para acolher o contexto multidimensional relacionado à obra, garantindo a assistência.

Contaminação. A imersão no campo holopensenênico formado pelo texto traz informações úteis ao revisor. Porém, dependendo do nível de acuidade empregado, podem ocorrer conexões holopensênicas incorretamente interpretadas pelo revisor e daí decorrendo confusão holopensênica ou transição holopensênica (Melo, 2004).

Aprendizado. Havendo abertura para isso, certamente o revisor aprenderá muito ao ler o material. Para revisar, é preciso *estudar*. Aprenderá sobre o tema, sobre a pessoa, sobre desassédio, sobre assistência. Torna-se evidente e límpida a natureza bidirecional do processo.

Identificação. Porém há possibilidade do revisor perceber-se enquanto assistido do texto num nível mais profundo. E, neste caso, eventualmente reagirá às informações características ali constantes, nem sempre do modo mais maduro.

Isenção. Nesta situação, faz-se necessário ponderar a validade de continuar no processo revisivo. Ou seja, avaliar o próprio fôlego, verificar como metabolizará as informações. Caso sua capacidade assistencial esteja comprometida, ainda quando temporariamente, o melhor a fazer é recolher-se e passar o trabalho para alguém mais isento.

C – Devolutiva

Finalização. Caso exista, o momento da devolutiva seria uma espécie de fechamento do processo. Trata-se de “fazer a ponte” entre os apontamentos revisivos e a leitura do autor, favorecendo a interlocução e melhor entendimento destas observações.

Modo. Pode ocorrer de modo presencial ou a distância, por meio de texto escrito, *feedback* verbal, ou, preferencialmente, a combinação de ambos.

Ambiente. Tão importante quanto os registros escritos das sugestões ao autor é a forma de apresentá-los. Criar um ambiente de interconfiança, apaziguamento e estímulo é pré-requisito.

Medida. Sem “dourar a pílula” ou praticar omissões deficitárias, é papel do revisor explicar ao autor os pontos altos e os pontos críticos do texto, empregando técnicas adequadas de *feedback*¹⁰, reduzindo ao máximo possíveis ruídos de comunicação.

Garantias. A fim de garantir a preservação deste momento, importa reforçar a exigência de desassédio mútuo no encontro da devolutiva. Assim, os procedimentos preliminares de verificar a própria intenção, contribuir para a formação de um campo assistencial e conexão com a equipex são realmente pilares para o bom andamento dos trabalhos.

Cuidados. Da mesma forma, elencam-se, a seguir, alguns cuidados com vistas a encaminhar a tarefa inerente à revisão.

10 Para Bee & Bee (2000), citado por Farias, o *feedback* constitui-se em forma de comunicação com vistas a informar o interlocutor sobre o modo como está sendo percebido quanto a seus comportamentos e atitudes e a maneira como afeta aos demais individual ou coletivamente. Pretende-se, assim, contribuir para melhoria das relações. Farias considera 4 níveis de atitudes, as quais se desdobram em ações: *preparação* (identificação dos problemas, exemplificação com base em fatos e análise das consequências, verificação da receptividade), *comunicação assertiva* (destaque dos aspectos passíveis de mudança, habilidades e conhecimentos a incorporar, ações concretas de melhoria), *apresentação dos comportamentos alteráveis* (criação de ambiente favorável a mudanças, descrição das oportunidades de crescimento decorrentes da mudança, audição atenciosa e interessada do posicionamento do interlocutor), *avaliação e autocrítica*.

No contexto empresarial o termo também é empregado. Rocha (2009) o define como “o procedimento que consiste no provimento de informação a uma pessoa sobre o desempenho, conduta ou eventualidade executada por ela, objetivando reprimir, reorientar e/ou estimular uma ou mais ações determinadas, executadas anteriormente”. Para ele, o objetivo “deve ser o de mostrar ao outro como ele é visto por nós, com a finalidade de maximizar seu desempenho ou de readequá-lo ao objetivo proposto por nós”. Com esta finalidade, ao perceber as dificuldades rotineiras no uso do *feedback*, orienta os interessados a adotar a técnica do sanduíche, segundo a qual o *feedback* é dado em 3 etapas, isto é, se insere a recomendação entre dois elogios reais e honestos.

Preparativos para a devolutiva:

1. **Resguardo somático.** Estar bem alimentado, ter dormido o suficiente e providenciar conforto somático adequado, de modo a evitar concorrência do próprio soma com as demandas do assistido.

2. **Universalismo.** Esforçar-se por manter pensividade de abertismo consciencial, tábula rasa, com espaço mental para participar da situação enquanto minipeça do maximecanismo, aprendendo e percebendo coisas novas, tanto quanto ensinando.

3. **Equanimidade.** Os papéis de assistente e assistido, ou quaisquer outros exercidos, alternam-se. Considerando a afinidade pensênica, as duplas revisor-revisado formam-se de acordo com as tendências de cada um (traços, companhias, interesses, experiências pretéritas e presentes). Assim, este encontro assistencial pode constituir-se em oportunidade de reconciliação, retratação ou mesmo convergências e parcerias de trabalho. A fim de viabilizar tal situação, é necessária a adoção da postura mais aberta possível. Desta forma, evita-se a contaminação por preconceitos, apriorismos e desatualizações naquele contato.

4. **Cosmoética.** Nunca é demais conferir o próprio nível de cosmoética.

5. **Comunicação.** O momento da devolutiva, como o restante do processo de revisão, requer uma comunicação do estilo *consciex para consciex*. Ou seja, procurar nivelar a percepção do outro *por cima* (a maior ou a melhor). O texto é produto de experiências e reflexões do autor, constituindo tarefa de proéxis. Olhar o outro ao modo de consciex ajuda a acessar sua natureza consciencial real, mais ampla do que a expressada pela conscin.

6. **Respeito.** Sem respeito, inexistente assistência. Respeito pela holobiografia do autor, incluindo suas necessidades, trafores, nível de maturidade, recins efetuadas. Realizar o exercício de ver a pessoa enquanto portadora de liberdade para ser como deseja e expressar-se como lhe prouver.

7. **Torcida.** A intenção assistencial mostra-se no desejo pelo melhor para o autor e assistência pretendida com sua gescon. Ao colocar-se *a favor* do autor (e seu trabalho), a conexão com ele e com o amparo de função torna-se facilitada.

Durante o encontro:

01. **Presença.** Durante todo o processo é fundamental a condição de estar *presente*. Percebendo-se, ao campo extrafísico, às demais conscins e consciexes. Esta condição possibilita as adequações assistenciais necessárias a cada momento da devolutiva.

02. **Horizontalidade.** Usar a abordagem de pesquisador para pesquisador, horizontalizando o intercâmbio a partir da oportunidade ocasionada pela entrevista da devolutiva.

03. **Diplomacia.** Adotar postura diplomática é providência básica para exercer a ação mediadora requerida pela devolutiva.

04. **Empatia.** Atentar para as reações multidimensionais do campo e do autor enquanto se fala com ele. Esta atitude permite ajustes precisos das abordagens no momento oportuno.

05. **Prioridade.** Antes de mais nada, mencionar os trafores *reais* da obra, sem exageros nem minimizações. Desta forma, o autor terá meios de visualizar sua contribuição efetiva para o texto, além de sentir-se mais autoconfiante para lidar com as demais críticas e sugestões modificadoras.

06. **Paciência.** Ao apresentar as observações tocantes à revisão, cabe explicá-las *e discutí-las* com o autor, explicando quantas vezes for necessário, a fim de evitar mal-estares, incompreensões, “cotovelomas”.

07. **Flexibilidade.** Ouvir e mudar de ideia, se adequado. No diálogo devolutivo ter em mente haver duas pessoas e diversas consciexes, cada qual com sua história e sua cognição. Trata-se de compartilhar as impressões hauridas da revisão e propor sugestões no sentido de expandir a tares, sem esperar obediência.

08. **Acolhimento.** O processo de escrita demanda boa cota de desassédio. Há especificidades no desassédio de cada etapa da elaboração do texto (antes-durante-depois de publicado). Por vezes, antes de efetuar o esclarecimento proposto pela revisão, será útil ou necessário acolher os desabafos do autor, atuando de fato ao modo de assistente.

09. **Desassédio.** Estar disponível para exteriorizar energias ou iscar consciexes, conforme a demanda, assumindo integralmente o papel de assistente.

10. **Contextualização.** Identificar e acatar a demanda *do autor*. Qual a *necessidade* dele? Qual a ajuda *solicitada* por ele? O esclarecimento eficaz pode diferir daquele desejado pelo assistente. Não exigir impossibilidades ou algo não pretendido pela pessoa.

11. **Despreconceituação.** A obra é produto de reciclagens intraconscienciais do autor e respectivas compreensões de mundo momentaneamente, mas não é *a personalidade toda* dele. Para usar uma analogia, trata-se de foto, não filme.

12. **Encaminhamento.** Apontar possibilidades e estruturas para suprir a necessidade do autor. Desta forma, o assistido não fica perdido ou confuso, sem saber como proceder para enfrentar os ajustes desejáveis ou necessários ao texto no intuito de aprimorar seu potencial tarístico.

13. **Orientação.** Indicar orientador de texto, caso seja necessário.

Terminada a interlocução:

1. **Sigilo.** Chancelando a assistência, manter comportamento discreto, inclusive pensenicamente, quanto às informações relativas ao autor – pouco importando se tenham sido obtidas através do texto, da entrevista ou extrafisicamente.

Observação. A organização da revisão nestas 3 etapas, e considerando os cuidados sugeridos, não esgota o assunto, nem pretende servir de modelo. Apenas propõe-se a compartilhar reflexões sobre o complexo processo de revisar conscienciologicamente, no tocante ao *acolhimento*, a partir da experiência enquanto autora e revisora, a fim de evitar omitir aprendizados. Provavelmente outros revisores sugerirão cuidados diversos e/ou complementares a estes.

VII – QUALIFICAÇÃO

Autoavaliação. Embasando posturas e traços encontram-se valores pessoais. Ao assumir a responsabilidade de revisar, cada indivíduo, ou instância revisora, pode avaliar o modo como os valores pessoais interferem em sua participação no processo revisivo.

Alicerces. No intuito de facilitar o desenvolvimento de revisores acolhedores, convém mencionar 3 *condições* e 23 exemplos de *traços* favorecedores deste tipo de trabalho, listados em ordem alfabética.

a) **Condições:**

1. Homeostase pensênica
2. Intenção sincera de ajudar
3. Visão de conjunto

b) **Traços:**

01. Atenção
02. Autoconfiança
03. Autossegurança
04. Criticidade
05. Curiosidade
06. Detalhismo
07. Discernimento
08. Disposição
09. Empatia
10. Erudição
11. Flexibilidade
12. Fraternidade
13. Honestidade
14. Intercompreensão
15. Lucidez multidimensional
16. Neofilia
17. Organização
18. Paciência
19. Parcimônia
20. Respeito
21. Responsabilidade
22. Sustentabilidade energética
23. Universalismo

Destaque. Longe de esgotar as características desejáveis ao revisor(a) acolhedor(a), esta lista apenas chama atenção para:

a) A necessidade de qualificação de revisoras e revisores, tendo clareza do *tipo* de autenfrentamentos por vir.

b) A possibilidade de empregar trafores eventualmente ociosos em uma tarefa extremamente útil e para a qual poucos têm se habilitado.

Complemento. Também Ferraro e Tornieri (2009, p.16-18) analisam o perfil do revisor, propondo *requisitos* para este profissional e discutindo *aquisições e equívocos* do mesmo.

VIII – ACOLHIMENTO-ORIENTAÇÃO-ENCAMINHAMENTO

Relevância. Esta discussão pretendeu mostrar a importância da revisão acolhedora. Caso o leitor ou leitora interessado(a) queira se autoavaliar enquanto revisor (a), é possível criar um teste personalizado a partir das informações expostas até aqui, colocá-lo à prova e aprimorá-lo a cada obra revisada.

Completismo. O acolhimento é algo a ser considerado fator *inerente* à revisão, sob pena desta não cumprir seu papel, caso no qual o revisor pode frustrar-se ou mesmo sentir-se “morrendo na praia”.

Inevitabilidade. Em linguagem popular, escrita e revisão são “tampa e panela” ou “unha e carne” – processos complementares indissociáveis, um papel qualificando o outro mútua e sucessivamente.

Alternância. Revisor e autor revezam papéis conforme as circunstâncias evolutivas. Não há razão para se sentir inferior ou superior mediante a função desempenhada.

Enriquecimento. A revisão pode e deve ser realizada pelo autor do texto, entretanto a visão de heterorrevisores favorece a qualificação do trabalho, pois inclui perspectivas diferentes daquelas peculiares à cognição de quem escreve.

Profissionalismo. Estar aberto para bem aproveitar as revisões constitui requisito a ser desenvolvido por todo autor, cuja intenção seja escrever de maneira profissional.

Base. Por outro lado, aprender a trabalhar de fato sob a perspectiva do trinômio acolhimento-orientação-encaminhamento é o mínimo necessário para se considerar bom revisor.

Confor. Trata-se de entender o valor do *confor* no trabalho de revisão. O conteúdo é fundamental, mas se limita a assistência com o uso inadequado da forma.

Desafios. Autores e revisores têm, portanto, desafios pela frente. A preparação inteligente para escrever e revisar demanda planejamento, embora, certamente, boa parte do aprendizado se dê efetivamente na prática. *A reflexão sobre a experiência qualifica.*

Referências. Assim, quanto mais *variada e constante* a experiência de leitura e de escrita do revisor, melhor será seu trabalho, pois tal acervo vivencial, enriquecido com novas referências, afeta diretamente a capacidade de compreender e de interagir com o outro.

Abertismo. O mesmo se passa com o autor, embora por motivo diverso. O *background* experiencial na escrita incrementa a criatividade, a capacidade de associar ideias, o senso crítico. Vocabulário ampliado dá acesso a novos pensamentos.

Qualificação. Naturalmente, o contato com realidades, consciências e paisagens diversas também favorece a qualificação da escrita e da revisão.

Escolha. Entender a revisão ao modo de complexo *ato de amparo* descortina as responsabilidades inerentes a ela.

Gescons. Somente assumindo-as, sem qualquer descaso ou ingenuidade, o revisor, ou revisora, contribuirá para multiplicar as gescons componentes da maxiproéxis grupal.

Bibliografia

01. Bee, R. & Bee, F. *Feedback*; Nobel; São Paulo, SP; 2000.
02. Camillo, Regina; *La Significación de los Procesos de Lectura y Escritura: Una Propuesta elaborada a partir de una experiencia Clínica Fonoaudiológica*; 242 p.; Artigo; VI Conferência Científica Latinoamericana de Educación Especial. In: *Anais do II Congreso Iberoamericano de Educación Especial*; Havana, Cuba; 1997; páginas 109 a 126.
03. Idem; *Teática do Vínculo Consciencial: Binômio Autopesquisa-Voluntariado*; In: *Anais da III Jornada de Autopesquisa Conscienciológica*; rev. Jacqueline Nahas, Maria Pol, Regina Camillo, Tony Musskopf, Márcia Abrantes & Giselle Salles; 238 p.; br.; 3 ilus.; 27,5 X 20,5 cm; Instituto Internacional de Projeziologia e Conscienciológica; Foz do Iguaçu, PR; 2004.
04. Houaiss; *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0 BR*; Instituto Antonio Houaiss; Ed. Objetiva Ltda; Rio de Janeiro, RJ; 2001.

05. Farias, Edvaldo de; *A Técnica do Feedback como Estratégia Gerencial na Gestão de Equipes*. Disponível em: <http://www.edvaldodefarias.com/feedbackgerencial.pdf>, acessado em 05/12/10, 16h43.
06. Ferraro, Cristiane; Tornieri, Sandra. *Sete Perguntas Básicas sobre Revisão*; Formação de Autores (apostila), Módulo VIII – Completismo Autoral; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2009.
07. Melo, Nívea; *Autopesquisa, Grafotares e Conexões Holopensênicas*; In: *Anais da III Jornada de Autopesquisa Conscienciológica*; rev. Jacqueline Nahas, Maria Pol, Regina Camillo, Tony Musskopf, Márcia Abrantes & Giselle Salles; 238 p.; br.; 3 ilus.; 27,5 X 20,5 cm; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica; Foz do Iguaçu, PR; 2004.
08. Mendes, Conrado Moreira; *A Comunicação pela Semiótica*; Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_36/conrado_mendes.pdf. Acessado em 05/12/10, às 17h20.
09. Paschoalin & Spadoto; *Gramática: Teoria e Exercícios*; São Paulo, SP; FTD; 1989.
10. Ribeiro, Luciana. *Atenção – Ferramenta para Aproveitamento das Oportunidades Diárias de Laboratório Multidimensional. Estudo de Caso da Negligência*; In: *Anais da III Jornada de Autopesquisa Conscienciológica*; rev. Jacqueline Nahas, Maria Pol, Regina Camillo, Tony Musskopf, Márcia Abrantes & Giselle Salles; 238 p.; br.; 3 ilus.; 27,5 X 20,5 cm; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica; Foz do Iguaçu, PR; 2004.
11. Rocha, Bruno Mascarenhas; *Feedback: Importância e Metodologia*; Postado em 11 de fevereiro de 2009, às 17h35min. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/feedback-importancia-e-metodologia/28001/> Acessado em 05/12/10, às 12h42.
12. Rocha Lima, Carlos Henrique da; *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*; prefácio de Serafim da Silva Neto; 33ª edição; Rio de Janeiro, RJ; José Olympio; 1996.
13. Vieira, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciológica*; Rio de Janeiro, RJ; Ed. IIPC; 1ª edição; 1994; página 1058.
14. Idem; *Manual de Redação da Conscienciológica*; Rio de Janeiro, RJ; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica, 1997; página 272.
15. Idem; *Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica, 5ª edição; 2002; página 1248.
16. Idem; *Homo reurbanisatus*; Foz do Iguaçu, PR; CEAEC, 2003; página 1584.
17. Idem; *Enciclopédia da Conscienciológica*. Verbetes **Aconchego**. Disponível em: http://www.tertuliaconscienciológica.org/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=5&&Itemid=13, acessado em 05/12/10, 15h42 e postado em 03/08/2008.
18. Idem; *Enciclopédia da Conscienciológica*. Edição protótipo aumentada e revisada. Verbetes **Tríade da Erronia**; 3ª edição; Tomo II; Associação Internacional Editares; 2007; Foz do Iguaçu, PR; página 1256.

Sou especialmente grata à *Áurea Andriolo, Isabel Amadori, Rosa Nader e Marcia Abrantes, pela leitura dos rascunhos deste texto e respectivas contribuições para maior clareza do material.*

Luciana Ribeiro é Bióloga pela Unesp, mestre e doutora em Educação pela PUC-Rio, especialista em Meio Ambiente pelo ISER, especialista em Saúde e Meio Ambiente pela Fiocruz. Professora universitária e tutora de programas de pós-graduação e educação corporativa a distância da FGV e PUC. Possui publicações no Brasil e no Exterior. Autora do livro *Boa Noite, Universo!* Pesquisadora da Conscienciológica desde 1997. Voluntária da Uniescon.

E-mail: lucmribeiro@yahoo.com.br